

TATUAGEM: UMA ARTE CORPORAL COMO CÓDIGO IDENTIFICATÓRIO NAS RELAÇÕES SOCIAIS

Alexsandro Malaquias Barbosa da Silva

Mestrando em Desenho, Cultura e Interatividade pela Univers. Estadual de Feira de Santana (UEFS)

E-mail: alexsandromalaquias@bol.com.br

Palavras-chave: Tatuagem. Desenho. Linguagem. Sobrevivência.

1 Introdução

Este estudo, que traz como objeto de pesquisa e análise os desenhos corporais em detentos, é fruto de experiências profissionais e acadêmicas, demarcadas pela prática vinculada ao Departamento da Polícia Civil do estado da Bahia, e enquanto pesquisador e aluno do Mestrado em Desenho Cultura e Interatividade, na Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS.

Esta proposta insere-se na grande área de concentração Desenho Registro e Memória Visual, assim como na Linha de pesquisa Estudos Interdisciplinares em Desenho, do Programa de Pós-Graduação em Desenho (*strictu sensu*) da UEFS, por trazer temas que relacionam a prática do desenhar com o saber em Artes e em outros campos, principalmente os relacionados às ciências humanas.

No desenvolvimento deste trabalho, percebemos que o entendimento do Desenho perpassa pela representação como meio de identificação, ou ainda, referindo-nos a arte gráfica corporal, pela tatuagem como elemento simbólico usado pelo sentenciado como forma de sobrevivência num ambiente onde superar estigmas, afetividades e sobre tudo o ócio é fator primordial na vida de cada detento. Elemento que faz do corpo suporte e lugar de memória da arte, portanto, um atualizador de histórias individuais e/ou coletivas.

A partir da observação e análise das tatuagens feitas em presidiários, ao longo de uma década, na Secretária de Segurança Pública do Estado da Bahia, como investigador da Polícia Civil, notamos que grande parte dos indivíduos investigados e detidos (muitos com mais de uma passagem por penitenciárias), em delegacias da capital e do interior, possuía os mais variados tipos de tatuagens. Percebemos, dessa maneira, que as marcas corporais poderiam

definir o perfil e a gravidade do crime e se transformavam em elementos identificadores do indivíduo, tanto para o grupo do qual fazia parte quanto para o próprio indivíduo. Os desenhos grafados nos corpos de presidiários são feitos em técnicas grosseiras produzidas de forma amadora cujas temáticas variadas são arranhadas (*scratcher*) direto na pele despertaram nossa curiosidade e ataçaram nosso imaginário coletivo, tornando-se objeto deste estudo, as ações traduzidas em códigos; muitas vezes, secretos.

Apesar desse tema ainda ser desconhecido, precisamos reconhecer que as representações e seus significados, que vão muito além da mera ornamentação estética corporal, podem se constituir em códigos de linguagem que identificam personalidades, grupos, facções ou, até mesmo, as práticas delituosas. Devido a estas últimas, os desenhos tatuados pelos presos podem gerar interpretações até mesmo opostas àquela que o grupo ou o indivíduo lhe dá. Isso porque, motivados pela “lei do silêncio” que impera nos presídios, os detentos nem sempre revelam o que uma tatuagem pode significar, indicando que o outro – aquele que desconhece a significação do desenho – está no espaço do interdito. Sobre essa lei, Oldoni (2002) afirma:

[...] É essa "Lei", em particular, que faz do Estado um ente ineficiente em relação às questões prisionais, não conseguindo estender, de maneira eficaz, suas normas legais para o interior das prisões. A lei que vale para toda a sociedade extramuros não tem o alcance necessário perante a "sociedade dos cativos". A norma positiva só tem eficácia entre eles quando os mesmos permitem. Para exemplificar, salientamos que dos inúmeros homicídios ocorridos nos presídios, somente alguns tiveram seus autores condenados. Os demais sofreram a interferência, o que impossibilitou punir os autores (OLDONI, 2002, p. 2).

Ressalte-se aqui, portanto, a importância de reconhecer a tatuagem como forma de linguagem que serve de meio de comunicação de idéias ou sentimentos, “qualquer vestígio visível e relativamente duradouro; sinal, marca, cicatriz”.¹ Mas não um mero canal de comunicação, e sim um meio comunicativo que exprime a intenção de um sujeito, seu posicionamento, em meio ao mundo.

O presente artigo, portanto, trata de um tema que se constitui em importante instrumento de reflexão da realidade do desenho corporal por meio de uma nova ótica, oriunda de uma forma de linguagem bastante representativa e de características próprias e singulares, a *linguagem gráfica corporal*. Vale ressaltar, entretanto, que esta pesquisa não se constitui em uma forma de reforçar ou identificar e criar novos elementos discriminatórios

¹ Novo dicionário Aurélio. Disponível em: <<http://dicionario.babylon.com/aurelio/>>. Acesso em: 21 abr. 2010.

para a sociedade e nem de alimentar esse estigma de que o corpo tatuado se associa sempre a marginalidade.

2 TATUAGEM: Linguagem de sobrevivência no cárcere



Figura 01: Sereia quando tatuada na perna direita, identifica elementos condenados por crimes de estupro. Âncora significa esperança, proteção, ligado à arte do mar.

Fonte: Estação Carandiru/ Varella, 2003.

A tatuagem como linguagem de comunicação, compreende o universo restrito ao âmbito do cárcere, sendo produzidas e influenciadas por relações estabelecidas lá, ou seja, os criminosos tatuam-se, ordinariamente, depois que entram para o cárcere movidos pelo ócio, tédio das prisões sem trabalho, estampando uns nos outros figuras, por intuição, saudade, afetividade, crenças de proteções, ou mesmo pela identificação grupal conforme Rodrigo Toffolli de Oliveira (2005, p. 2; 4), um dos autores que realiza estudos no campo da antropologia criminal, mostrando que a tatuagem feita no interior das penitenciárias se caracteriza pela rigidez com que se constitui como linguagem com função de incluir ou excluir um determinado indivíduo de um grupo, por meio da marca que este traz tatuada no corpo.

Para Toffolli (2005), a tatuagem no cárcere é uma linguagem de sobrevivência, onde cada imagem desenhada representa acordos e ordenações internas, entre os grupos rivais, que permitem delimitar espaços.

De acordo com relatos colhidos no museu de criminologia da Penitenciária do Carandiru localizado na cidade de São Paulo, o primeiro a registrar e vivenciar o ato de marcar o corpo no interior presidiários no Brasil foi o médico psiquiatra doutor Moraes Mello, no ano de 1920, quando fora inaugurado o maior a Casa de Detenção de São Paulo, o famoso “Carandiru”. Como plantonista Mello resolve, por conta própria, criar uma seção de criminologia, apaixonando-se por um tema que viria a se tornar fixação na sua vida: as **tatuagens em presidiários**. Chegou à conclusão que as tatuagens iam além do prazer pela estética pura. Homens encarcerados usavam seus corpos como suportes para o deslizar das agulhas, dilacerando a carne e cravando na pele imagens que delatavam traços da personalidade do criminoso com significados específicos restrito àqueles que viviam no presídio.

A maioria das tatuagens feitas em presídios é obtida por técnicas improvisadas.² Instrumentos como agulha, clipes, corda de violão, grampo, prego, e até mesmo máquinas inventadas no próprio presídio, provenientes de restos de pequenos motores ventiladores e outros equipamentos eletrônicos trazidos de forma clandestina por familiares.

A precariedade do equipamento usado na prisão nem sempre permite a precisão de uma tatuagem profissional e o trabalho pode ser feito por alguém sem muita experiência. A tinta pode ser depositada em região profunda da pele, o que pode provocar cicatrizes. As linhas costumam ser tortuosas e o design, cru.

2.1 A tatuagem e o Rito – a cerimônia de iniciação

Nas penitenciárias como uma forma de rito ou cerimônias de iniciação no grupo e a integração plena na sua cultura, observa-se sempre um ritual em que a dor se impõe ao propósito da tatuagem como linguagem. Tal cerimônia é realizada para que sejam abandonadas velhas atitudes e novas sejam aceitas. A convivência com algumas pessoas devem ser deixadas para trás e novas pessoas passavam a constituir o grupo de relacionamento direto. Um processo de iniciação envolve a construção de novos padrões, que passarão a nortear a nova conduta e existência.

Onofre (2009) em seu artigo *Escola da Prisão: Espaço de construção da identidade do homem aprisionado?* reflete a entrada no ambiente carcerário do sentenciado e sua concepção de si formada ao longo de uma vida, sendo preciso despir-se de todo esse

² Disponível em: <<http://www.sacurrent.com>>. Acesso em: 22 mar. 2010.

referencial, deixar tudo do lado de fora. Roupas, documentos, vestir o uniforme começando então o rito de passagem, sujeitando-se então as leis institucionais, e a própria conduta interna criada como forma de sobrevivência pelos internos.

Cita Goffman (1974) falando do termo admissão como uma despedida e um começo, forçando o sujeito a perder a idéia de propriedade e atribuição de sentimentos do eu aquilo que possui. Significando mutilar o eu inclusive com a perda do nome. Testes de obediência, que se resumem numa forma de iniciação denominada de “boas vindas”, onde são passadas as “regras da casa” por ambos os grupos.

O registro da tatuagem sobre a pele seria a prática da memória como uma forma de “fechar” aquilo que ocorreu. Ao mesmo tempo em que se quer esquecer e deixar o evento ou a pessoa para trás, a idéia é tê-la sempre junto, reforçando a importância dessa ocorrência para a formação da identidade. Seria tirá-la da memória para registrá-la sobre o corpo.

2.2 Linguagem de construção da Identidade Pessoal

Barbarena (2000, p. 41), coloca a tatuagem ou a “cicatrização cromática” (termo atribuído por ele) como importante processo de “constituições de identidades”, a qual segundo ele carrega a dor da entrega da cisura que punge no olhar do outro, conferindo identidade à impressão de um grupo de estigmas heterogêneos.

Considera que as marcas corporais, as quais enigmáticas ou explícitas, suplicam por uma leitura, convidando o olhar alheio a esse jogo de enunciação e decifração, onde “o eu tatuado entrega o seu corpo para que possa ter a sua identidade suplementada pelo olhar de uma alteridade endereçada num pertencimento em diferença” (BARBARENA, 2000, p. 42).

O campo de estudos em torno do desenho é bastante amplo e abre, por isso mesmo, um leque de possibilidades de sua aplicação a diversas outras áreas do conhecimento que não só a artística; a abordagem proposta nesta pesquisa, apesar de possuir um recorte – o desenho corporal como forma de linguagem, memória e construção de identidade - aponta para um diálogo com outros campos teóricos como a História e a Literatura, quando discute a identidade, por exemplo. Dentro do contexto “Desenho como linguagem” encontra-se a concepção de Desenho na visão de Trinchão e Oliveira (1998), onde estas autoras fazem uma reflexão da conexão Desenho-História e as implicações do Desenho como formulador de memórias.

Sejam em formas de arranhados ou escarificações a marca no corpo é destinada a permanecer de forma indelével para assinalar a irrevogável pertença ao grupo identitário. O corpo é uma memória e a tatuagem a sua identidade - verdadeiras “impressões digitais”.

Desta forma, a tatuagem aparece como uma espécie de RG (Registro Geral), cuja memória individual esta na vivencia de um crime o qual o individuo cometeu permitindo ao mesmo se tornar um herói a exemplo daqueles que mataram algum policial, ou mesmo um “depósito de espermas”, a exemplo dos estupradores e elementos que cometeram crimes contra os costumes, que acabam por serem usados como prostitutas que não tem domínio sobre seu corpo.

2.3 O Corpo e o Código Interno: Lei escrita como se fosse natural

Através do seu corpo, o homem concebe relações com valores centrais de seu e lugar, utilizando-se dele para simbolizar mecanismos de inclusão e diferenciação, apresentada nos variados desenhos corporais, chegando a alguns exemplos como a dos pontos nas mãos que funcionam como se fossem insígnias militares.

As mãos servem de registros que apresentam patentes e impõem hierarquias. Quanto maior o número de pontos, mais alta a “patente” do criminoso. Com isso, faz destes um indicador de status ou regras impostas por uma ordem rígida determinada e modificada de acordo com convenções internas ao grupo que a utiliza.



Figura 02: Três, em forma de triângulo, envolvimento com tóxico-vício ou tráfico. Um ponto em cada extremidade de uma estrela, homicídio.

Fonte: Projeto CICATRIZES de Rosângela Rennó.

Esta ordem, quando vem de dentro de um cárcere ou prisão, prevê atribuições hierárquicas e revela um forte código guiado, não pela lei escrita oficialmente, mas pelo código de honra interno ao cárcere, proclamando através deles os valores constitutivos do indivíduo ou do grupo. Neste sentido, Maurice Halbwachs (1990) traz como questão central de sua obra na qual consiste a afirmação de que a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, posto que todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo.

A memória coletiva se refere a uma identidade que explica uma experiência e um passado vivido por participantes de um grupo. No caso de tatuagens produzidas na penitenciária, de alguma forma, elas buscam definir traços e relações estabelecidas num contexto de crime ou infração, trabalhando, cada um a seu modo, a noção de "identidade" a partir dessa linguagem.

Michael Pollak, no artigo *Memória e Identidade Social*, questiona quais seriam os elementos constitutivos desta memória individual ou coletiva, afirmando que em primeiro lugar “são os acontecimentos vividos pessoalmente” (1992, p. 2), assim, no caso das marcas criadas na penitenciária essa memória começaria pelo motivo o que levou o indivíduo a ser preso, como já foi afirmada - a tipificação criminal a ele imposta pelo crime que cometeu conforme as leis de execução penal. Em segundo lugar, os acontecimentos que o autor chama de “vividos em tabela” ou “acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer” (POLLAK, 1992, p. 2), sendo assim, o tema definido para a tatuagem codifica o indivíduo e o insere no contexto de eventos acontecidos que identificam um grupo. Isso acontece não só como símbolos que fazem parte do imaginário coletivo no presídio, mas eles também são resignificados quando estes detentos são libertados, assim quando são transportados de um universo semântico para o outro.

Halbwachs (1990, p. 13) evoca “o depoimento que não tem sentido senão em relação a um grupo do qual faz parte, pois, supõe um acontecimento real outrora vivido em comum”. Nesse caso, estão os diversos valores atribuídos aos detentos por meio de suas memórias visuais, como exemplo os que foram tatuados com a imagem de “Aparecida”. Esta santa é considerada um dos expoentes da Igreja Católica Apostólica, no Ocidente, e é a padroeira do Brasil. Como símbolo, esta imagem representa um *depoimento do detento* o qual o insere em um determinado grupo e identifica um determinado delito.



Figura 03: A imagem de Aparecida.

Fonte: <http://www.nossaasaf.hpg.ig.com.br>.

A imagem da santa se transformou em depoimento dos grupos a qual o detento passou a fazer parte, a partir de suas ações contra a sociedade, e o que para os católicos representa o sublime, a lealdade, a pureza, para os presos, com exceção dos casos em que o indivíduo parece rogar por uma proteção, ela adquire significação contrária: em vez de lealdade, roubo e morte, no lugar da pureza, a perversidade da exploração sexual. Falar do real sentido do desenho da imagem da santa cravado na pele torna-se algo secreto, interdito, pois faz parte do coletivo de grupos de delituosos e que estão à margem da sociedade.

As tatuagens, entretanto, vão além de conformar identidades viris ou homossexuais, comunicando ações passadas e pretensões dos sujeitos que as detêm. Estampada na mão pode estar um documento que celebra uma ação planejada pelos detentos, como no caso de se ter a “teia de aranha no antebraço esquerdo” - morte dos cúmplices mereceu mais um registro. Nesse dia morreram companheiros, “a gente fez para marcar a data” (SILVA, 2009, p. 3), comenta o condenado. Isto porque a memória deste dia evoca um passado de glórias, necessário para a afirmação identitária do sujeito histórico, em que a insubordinação ao sistema carcerário dá-lhes a falsa impressão de liberdade e, por conseguinte, de autonomia.



Figura 04: Teia de aranha – Morte de cúmplices.

Fonte: <http://www.nossaasaf.hpg.ig.com.br>.

Na prisão tudo isso é sinônimo de sobrevivência. Todas as ações do grupo podem ser traduzidas em termos espaciais e o lugar ocupado pelo grupo é uma reunião de todos os elementos da vida social. Cada detalhe tem um sentido inteligível aos membros do grupo. Ao mesmo tempo em que o espaço faz lembrar uma maneira de ser comum a muitos homens, faz lembrar, também, costumes distintos, de outros tempos. O convívio nas prisões apesar das regras permite a formação de grupos que devido alguns costumes em comum o faz lembrar-se de pessoas e relações sociais ligadas a ele. Enfim traduzindo as lembranças em imagens, o que possibilita o reconhecimento da tatuagem como forma de linguagem servindo de meio de comunicação de idéias ou sentimentos. Mas não um mero canal de comunicação, e sim um meio comunicativo que exprime a intenção de um sujeito, seu posicionamento, em meio ao mundo.

2.3.1 Linguagem de Estigmatização

Dentro da penitenciária o tipo de desenho tatuado no corpo, muitas vezes serve como uma forma de estigmatizar o preso. Fazer o mesmo assumir para sempre, na própria pele, o peso do crime cometido.

Os crimes contra os costumes, com destaque o estupro, são punidos com tatuagens forçadas, onde são ridicularizados com pintas no rosto, feito com uma agulha embebida em tinta tóxica, posta embaixo da pele, num processo forçado e doloroso, usada para pintar paredes, representando que o estuprador achou um "marido" na cadeia, de forma que por onde

estiver, o tatuado será reconhecido, passando a ser tratado pelos outros como homossexual de forma passiva. Varella (2003, p. 50) cita: “... O calado da noite era quebrado por gritos que ecoavam pela cadeia inteira. Em seguida, o pessoal começava a bater a caneca na grade. Já era: podia o ‘funça’³ vim buscar que alguém tinha sido estuprado”.



Figura 05: Um pênis desenhado é outra punição aos estupradores. Isso facilita sua identificação por todos no presídio. Ter uma tatuagem dessas significa longos e terríveis anos de servidão sexual na cadeia.

Fonte: <http://www.nossaasaf.hpg.ig.com.br>.

2.3.2 Linguagem de Afetividade

A tatuagem no âmbito prisional, usada como linguagem de sobrevivência, em um mundo onde a afetividade, o desejo de ver a amada, os filhos, faz do corpo um diário, onde o preso troca o lápis por objetos lacero cortantes, com a finalidade de deixar gravado em sua pele o sinal visível da ausência.

Há quem pense que preso não tem sentimento, mas mesmo sem saber ler ou escrever, ele é um exímio artista usando a criatividade emocional, transformando o seu corpo em uma obra de arte, carregada de sentimentos, saudade, anseio, tristeza e alegria.

Barbarena (2000, p. 44), tenta analisar uma das fotos de Rosangela Renno, peças do arquivo do Museu Penitenciário do Carandiru na cidade São Paulo, onde um detento cravou em seu braço direito um casal abraçado a espera do momento do derradeiro beijo. O autor reflete se tal imagem, numa intertextualidade visual, sugestionando se tratar de uma idéia do

³ FUNÇA = gíria de cadeia que significa funcionário.

retorno marinho aos braços da amada ao final da Segunda Guerra Mundial. A segunda hipótese seria *a celebração de um minuto passado extemuros, que agora pode ser [re] encenado no palco epitelial, conforme a atuação dos dois personagens abraçados e fixados nos seus olhares.*



Figura 06: Sem que o toque material consiga se concretizar, resta um encontro talhado na carne humana que instaura um cicatriza-se pela afetividade, e pelo feixe de reminiscências de uma experiência compartilhada por um outro.

Fonte: Projeto CICATRIZES de Rosângela Rennó.

2.3.3 Linguagem de Proteção ou Religiosidade

A diversidade religiosa nos presídios é algo interessante, pois, num espaço de dor e restrições os credos religiosos passeiam estampados nos corpos dos presidiários. O desejo de proteção começa nos altares feitos para adoração, seja nos espaços protestantes, católicos ou mesmo nas tendas de umbanda, dentro dos pavilhões.

No constante desejo de sobrevivência, os presidiários tatuam imagens sacras, anjos ou mesmo demônios.

Barbarena (2000) fala da presença da religiosidade presente na simbologia tradicional que é a cruz. Busca em outro mote percebido em mais que uma tatuagem de Rosângela Rennó em Cicatrizes:

[...] cruzes, que se assemelham ao procedimento legista, parecem indicar o ponto de perfuração da bala recém-alojada ou da faca há pouco empunhada. Autópsias imaginárias, essas cruzes obviamente remetem ao elemento religioso, mas, nas suas formas disformes, abrem espaço para múltiplas interpretações situadas no olhar do outro (BARBARENA, 2000, p. 24).



Figura 07: Uma belíssima foto onde um detento desnudando o seu peito de forma que sejam visíveis as pequenas tatuagens localizadas simetricamente nos dois pontos opostos do tórax.

Fonte: Projeto CICATRIZES de Rosângela Rennó.

Ainda destaca na obra da fotografa, outra fotografia religiosa se destaca no tocante à composição da paisagem proposta:

trata-se de extensa tatuagem, localizada às costas, quase de ombro a ombro, que reproduz um Cristo crucificado. Até aí não parece haver grandes dissonâncias quanto às milhares imagens de Cristo tatuadas a cada dia. [...] Cristo não tem corpo, somente a cabeça e uma cruz ao fundo. Decapitado, nem suas mãos se prendem à madeira. Não teria havido tempo para completar a *cicatriz*... Não existiria mais o corpo do apenado para continuar a tatuagem... Não estaria mais ali a mão que desenhava o vitral epitelial... Não seria a mutilação de Cristo uma alegoria da própria condição de destroço humano do detento? (BARBARENA, 2000, p. 24).



Figura 08: Uma belíssima foto onde um detento desnudando o seu peito de forma que sejam visíveis as pequenas tatuagens localizadas simetricamente nos dois pontos opostos do tórax.

Fonte: Projeto CICATRIZES de Rosângela Rennó.

3 Considerações Finais

A demonstração, através da análise visual das representações gráficas que tem o corpo como suporte de memória, permite identificar a tatuagem como elemento visual gráfico identificatório na construção de suas relações sociais, fomentando conclusões e diagnósticos na busca da identificação do sujeito que cometeu um determinado delito. A continuidade no estudo possibilitará a construção de um quadro descritivo que pode subsidiar a decodificação do simbolismo utilizado como linguagem específica de reclusos e infratores por crimes de várias ordens.

A decodificação das tatuagens produz um arcabouço capaz de produzir novas perspectivas quanto à identificação de características de determinados grupos ou indivíduos, propiciando uma interação dos mesmos no meio social. A partir do momento que passa a existir como fenômeno cultural, a tatuagem se espalha ao coletivo. Reafirma-se, contudo, que as leituras feitas nas tatuagens, seja no ambiente artístico ou no contexto prisional, servem apenas os fins a ele relacionados, não devendo ser veículo de qualquer preconceito fora dos

seus ambientes grupais, considerando que ainda há na sociedade resquícios estigmatização e marginalização das pessoas que carregam desenhos impressos em seus corpos.

Apesar das mudanças na mentalidade da sociedade atual, a discriminação em relação ao uso de tatuagem ainda é marcante, a sociedade ainda está imbuída de preconceitos que transforma a tatuagem em um estigma camuflado, pois será aceita por determinados segmentos sociais ou profissões se não estiver à vista do crivo da sociedade, ou se o usuário for um profissional cuja formação está voltada para as artes ou esporte.

Referências

BARBARENA, Ricardo Araujo. A carne-texto infectada pelo bolor do olvido: Escritas do corpo em Cicatriz, de Rosângela Rennó. *Revista Palíndromo*, Porto Alegre, n. 2, p. 24-44, 2000.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

OLDONI, Fabiano. *Uma abordagem acerca das relações de poder no interior das prisões. A morte como exteriorização maior deste poder*. Teresina: Jus Navigandi, 2002. Disponível em: <<http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=3250>>. Acesso em: 09 abr. 2009.

ONOFRE, Elinice Maria Cammarosano. *Escola da prisão: Espaço de construção da identidade do homem aprisionado?* São Carlos: UFSCar, 2009.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. *Revista Estudos Históricas*. São Paulo: FGV-CPDOC, p. 2-4, 1992.

SILVA, Alexsandro Malaquias Barbosa da. Tatuagem: Uma arte corporal como código identificatório. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ENGENHARIA GRÁFICA NAS ARTES E NO DESENHO, 8., 2009; SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOMETRIA DESCRITIVA E DESENHO TÉCNICO, 19., 2009, Bauru. *Anais do Graphica 2009*. Bauru: UNESP, 2009. p. 1110- 1123.

TOFFOLLI, Rodrigo de Oliveira. Corpos tatuados: preliminares a uma abordagem semiótica. *Estudos Semióticos*, São Paulo, n. 1, p. 2-4, 2005.

TRINCHÃO, Gláucia M. Costa; OLIVEIRA, Lysie Reis. A História contada a partir do desenho. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ENGENHARIA GRÁFICA NAS ARTES E NO DESENHO, 2.; SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOMETRIA DESCRITIVA E DESENHO TÉCNICO, 3., 1998. Feira de Santana. *Anais do Graphica 98*. Feira de Santana: UEFS/ABPGDDT, 1998. p. 35-43.